

COMPRA



# Semanario illustrado de Sciencias, Letras e Artes

Proprietario e Director: PALERMO DE FARIA  
 Director Scientifico: ANACLETO R. D'OLIVEIRA  
 Secretario da Redacção: BENTO MANTUA  
 Administrador: XAVIER DA SILVA

**DIRECTORES**  
 Litterarios: J. PACIFICO, J. C. BRAGA e ROMANOL  
 Artisticos: A. LACERDA, C. CRAVEIRO e J. BASTOS  
 Musicas: ALFREDO MANTUA e FERNANDO PADUA

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:  
 C. do Jogo da Pella, 6, 2.º  
 LISBOA

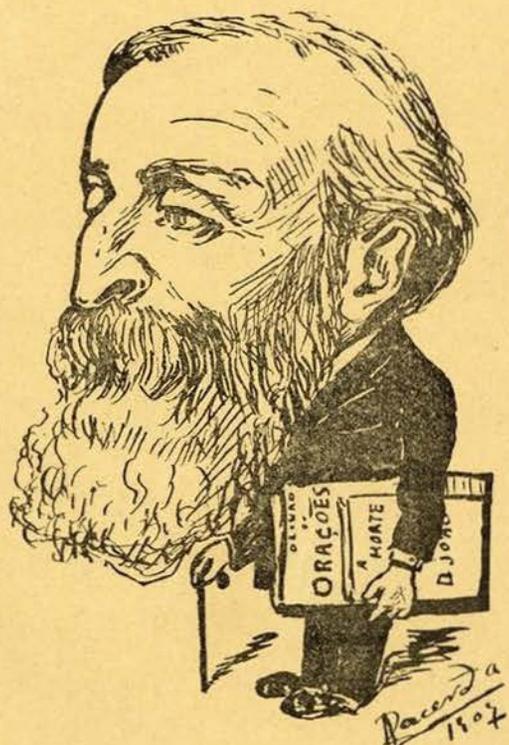
Officinas d'impressão e composição  
 A Liberal—R. de S. Paulo, 216

Segunda-feira  
 11 DE NOVEMBRO DE 1907

NUMERO AVULSO 20 RÉIS

Condições d'assignatura  
 (Pagamento adiantado)  
 SERIE DE 15 NUMEROS  
 Lisboa e provincias..... 300 rs.  
 Colonias..... 400 »  
 Brazil (moeda forte)..... 900 »

## OS NOSSOS G. J.



Philosopho e pensador  
 Borda em cada poesia,  
 Com requintes de harmonia  
 Hymnos de Paz e de Amor!

### JANUARIO & MOURAO

Ouvidaria e Joalharia

Rua da Palma, 86, 88, 90, 92 e 92 A

Compra e vende joias com brilhantes, antiguidades, pratas, barras d'ouro e moedas d'ouro e prata.

### Elisa Vargas Pedrosa ATELIER DE VESTIDOS

R. DA PRATA, 185 - 2.º LISBOA

Especialidade em enxovaes para noivas

LINDAS VARIEDADES EM APLICAÇÕES

Ultimos figurinos de Paris, Londres e Berlim

### LOUÇAS-VIDROS-TALHERES

QUASI DE GRAÇA

SÓ NA CASA DAS LOUÇAS

33, RUA DA PALMA, 33

Pedro Carlos Dias de Sousa



EXPOSIÇÃO  
DE

LOUÇA DAS CALDAS

Arte decorativa  
Artigos para brindes

### GATO PRETO

Rua de S. Nicolau

(Esquina da R. do Crucifixo)

### LUZ KITSON

Petroleo por incandescencia

A mais brilhante, a mais economica

Sem cheiro nem fumo, L. M. LILLY, succesor. R. dos Retrozeiros, 35, 1.º-D.

### COSTA JUNIOR

Doenças dos Olhos

R. Nova do Almada, 64, 1.º-Da 1 ás 5 da tarde

### SALVADOR VILLARINHO PEREIRA

Clinica Geral — Partos

R. de S. Roque, 67, 1.º — Das 3 ás 5 da tarde

TELEPHONE 1573

### ALBERTO FERREIRA

MEDICO CIRURGIÃO

Rua Maria Andrade, 10, 2.º-D.

Consultas das 10 ás 11

### ANACLETO DE OLIVEIRA

MEDICO-CIRURGIÃO

R. S. Vicente á Guia, 22, 1.º

### ADELAIDE CABETTE

MEDICA

### DOENÇAS UTERINAS

R. da Prata, 153, 2.º

Consultas ás 2 da tarde



**Casa  
Chinezinha**

Antiga loja de  
**CHÁ E CAFÉ**

Chás verdes e pretos  
Leques de novidade

Louças e echarões  
da China e Japão  
Lenços de senda da India

O lote mais especial das melhores marcas do  
**CAFÉ K. 720**

**JOAQUIM PEREIRA DA CONCEIÇÃO**  
234, Rua do Ouro, 236

(em frente do Monte-pio Geral)

TELEPHONE N.º 825

**JOAQUIM REGO**  
ARMAZEM POPULAR

*N' esta casa ha sempre grande sortimento de fazendas  
de seda, lã e algodão, setinetas, percales, zephires, pannos  
crús. Secções de retrozaria, camisaria e luvaria.*

CAPAS PARA SENHORAS

Preços sem competencia

154—RUA DA PALMA—156  
LISBOA

**FLORES PARA CHAPEUS**

Coroas, Bouquets, Flores para jaitras etc., etc.

FABRICA DE FLORES ARTIFICIAES

**CASA DE NOVIDADES**

145, R. do Ouro, 149—LISBOA  
Telephone 1210

**Retratos a Crayon a 2.000 réls**

Carta a esta Redacção

RECEBEM-SE ENCOMENDAS DA PROVINCIA

**JULIO GOMES FERREIRA & C.<sup>A</sup>**

*Fornecedores da Casa Real*

82—RUA DA VICTORIA—88

Exposição permanente

166—RUA DO OURO—170

*Installações completas para agua,  
gaz e electricidade.*

*Grande sortido de lustres em todos  
os generos.*

**ARMAZENS DO CONDE BARÃO**  
**A. DOS SANTOS MARTINS**

*Fazendas - Alfayeria - Modas - Confecções - Camisaria  
Gravataria - Retrozeiro - etc.*

**VER E CRER**

**Uma enorme Liquidação de Salvados**

Completa liquidação de chapéus de chuva, meias, pannos brancos,  
lenços d'algodão e de seda, etc., etc.

**ULTIMAS NOVIDADES—ELEGANCIA E ECONOMIA**

**Aos Armazens do Conde Barão**

Dão-se senhas do Nacional Bonus Commercial

**25, Largo do Conde Barão, 26—LISBOA**

COMPRA



## Semanario illustrado de Sciencias, Lettras e Artes

Proprietario e Director: PALERMO DE FARIA  
Director Scientifico: ANACLETO R. D'OLIVEIRA  
Secretario da Redacção: BENTO MANTUA  
Administrador: XAVIER DA SILVA

## DIRECTORES

Litterarios: J. PACIFICO, J. C. BRAGA e ROMANOL  
Artisticos: A. LACERDA, C. CRAVEIRO e J. BASTOS  
Musicos: ALFREDO MANTUA e FERNANDO PADUA

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:  
C. do Jogo da Pella, 6, 2.º  
LISBOA

Officina d'impressão e composição  
A Liberal—R. de S. Paulo, 216

Segunda-feira  
II DE NOVEMBRO DE 1907

NUMERO AVULSO 20 REIS

## Condições d'assignatura

(Pagamento adiantado)  
SERIE DE 15 NUMEROS  
Lisboa e provincias..... 300 rs.  
Colonia..... 400 \*  
Brazil (moeda forte)..... 900 \*



### CHÁ E TORRADAS

**R**eciби esta semana uma carta anonyma muito curiosa e bem escripta. Chamam-me tollo, idiota, dizem que não tenho nada de pacifico, que era melhor que fosse apanhar pés de burro, etc., etc. E devo acrescentar ainda que esta carta não foi a primeira do genero e, provavelmente, não será a ultima.

Pois digo-lhes com toda a franqueza que fiquei satisfeitissimo. Ha muito tempo que estava em duvidas a meu respeito; agora depois das cartas em que se affirma que sou um respeitabilissimo pedaço d'asno, as duvidas desappareceram e estou plenamente d'accordo; e não ha nada como ter a certeza de qualquer cousa; andava tristonho, ás vezes pensava: *ser-ei ou não ser-ei tollo?* E as insomnias succediam-se, e a cabeça ás aranhas.

Todos estes desagradabilissimos symptoms desappareceram. Depois da ultima carta dormi um bom somno e acordei fresco como as alfices regadas pelos ultimos aguaceiros. Se vem terceira carta começo a engordar.

A engordar! Isso é que não.

Tenho sempre ouvido dizer que: *muro velho que cria barriga está prestes a desabar*; ora eu estou precisamente no caso do muro velho e affianço a todos os que me lerem, e a mais alguns, que não sinto o menor desejo de desabar e por uma rasão das mais simples.

Todos affirmam (verdade é que a affirmação não tem fundamento muito seguro) que o outro mundo é de dimensões tão extraordinarias que chegam a ser incommensuraveis. Ora eu não estou habituado a cousas grandes. Vivo n'uma aldeia e tinha já perto de setenta annos quando fui a Lisboa pela primeira vez por causa d'um negocio.

Precisava collocar uma certa porção de palha (se os auctores das cartas anonymas soubessem d'isto) e não tinha pessoa de confiança para tratar do assumpto; fui eu proprio.

Tinha ouvido fallar da capital, diziam-me que era muito grande, que se andava aos encontros pelas ruas, que as casas tinham quatro e cinco andares, que havia uns carros compridos movidos sem se saber porque, que atropellavam tudo e todos e que era preciso andar sempre com o Credo na bocca. Mas eu conhecia o ditado: *Quem conta um conto sempre acrescenta um ponto.*

Afinal, apenas sahí da estação central dos caminhos de ferro para um largo que tem uns arcos mesmo em frente, vinham a toda a velocidade dois dos taes carros, um para baixo e outro para cima, e fiquei entallado entre elles, ao som dos gritos afflictivos dos passageiros, dos *arredas* desesperados dos homens que iam na frente com uma manivella na mão e escapei por milagre, com o capote todo rasgado, mas, felizmente, com a pelle intacta.

Esta lição logo á entrada deixou me atralhado e provocou as attentões de muitas pessoas que passavam e de um policia que mandou parar os carros e me obrigou a ir a uma botica ali perto, uma enorme casa de armação preta, onde quizeram por força que eu bebesse *Agua dos Carmelitas*, apesar de não ter sede, mas que verdade, verdade, me deu um certo tom.

Quando sahí da botica estava n'um largo todo cheio de gente, de poças

d'agua e dos taes carros que andavam para deante e para traz.

E custou-me a sair tantos eram os curiosos, deveria dizer ociosos, que me queriam ver, como se eu fosse algum animal raro.

Olhei em frente e vi um repuxo muito alto a encharcar todos quantos passavam, uma porção de gaiolas cheias de garrafas e copos, uma duzia de garotos a offerecer-me jornaes, outros tantos cautelheiros a quererem pingir-me a sorte grande, e umas raparigas, macilentas e mal trajadas, que faziam diligencias para que lhes comprasse um raminho de violetas.

Um verdadeiro inferno.

Não quiz saber do negocio da palha e, convencido de que não tinham exagerado as dimensões nem os perigos da capital, voltei para a estação dos caminhos de ferro e, duas horas depois, estava de volta em casa, com grande surpresa da creadagem que contava com um regabofe de tres ou quatro dias.

—Mas que aconteceu?! exclamou ao ver-me a minha velha creada; o sr. Pacifico já de volta!

—E' o que estás vendo; e não me falles em tornar a Lisboa; é de fugir.

—Ora essa! De fugir?!

—Sim, de fugir. Ia ficando esborrachado debaixo de dois dos taes carros que andam sempre a mata cavallos.

—Credo, santo nome de Jesus!

—E voltei para casa porque não estou disposto a privar-te tão cedo da minha companhia.

—E a palha que queria vender?

—A palha!... A palha, deixa estar que não apodrece, tem consumo certo. Vou manda-la para os auctores...

—Ora, o sr. sempre tem cousas, pois elles serão capazes de a comer?

—Inda lhes ha de parecer pouca. Mas sabes que mais, tenho frio. Traze-me o chá e as torradas.

JOÃO PACIFICO.



CHRONICA

Os nossos leitores vão decerto apreciar o relato que vamos fazer de uma das mais espantosas e admiráveis operações de engenharia, que presentemente chama a atenção dos habitantes de Brooklyn. Trata-se, nada menos, do que da remoção, em péso, do teatro Montauk. Se tomarmos em consideração que o péso do edificio sobe a muitos milhares de toneladas, e que este tem de ser removido do lugar onde originariamente foi construído em primeiro lugar, para quinze metros de distancia, em seguida dar uma volta sobre si mesmo e logo depois ser transportado para vinte metros mais longe, lugar onde ficará definitivamente, isto sem causar deteriorações e sem que se produza a menor fenda nas maciças paredes de tijolo, facilmente se compreenderá que o empreendimento é delicado e colossal.

Este teatro que mede quarenta e seis metros de comprimento por quatorze de largo, foi, de principio, construído com a frente para a rua Fulton, mas como recentemente a Camara Municipal resolveu prolongar a avenida Flatbush e como este prolongamento iria cortar justamente o teatro pelo centro, a Camara comprou-o, vendendo-o pouco depois a uma companhia particular que, reconhecendo o bom estado do edificio e a probabilidade de muitos annos de funcionamento regular, resolveu transportal-o, em péso, para uma nova posição, collocando-lhe a frente no lugar que será de futuro o prolongamento da avenida Flatbush. O edificio é construído inteiramente de tijolo; as paredes medem setenta centímetros d'espessura na base, a sala tem vinte metros d'altura e o palco trinta. A construção é d'um tipo muito pesado, por ser feita á prova de fogo, tendo abobodas de tijolo, galerias e mais dependências que lhe dão desusada e grande solidez. Resumindo, podemos dizer que a manobra consiste em fazer avançar o edificio quinze metros, obrigal-o depois a dar uma volta, descrevendo um angulo de 85° e em seguida fazê-lo caminhar mais vinte metros, até conquistar a sua nova posição. Antes de mover a pesada móle que não tem paredes interiores que travem a construção com as paredes mestras, forçoso se tornou aos empreiteiros tomarem a precaução de adoptar um sistema de contraventamento que permitisse manter o conjunto na vertical, impedindo quaesquer inclinações, tanto no plano horizontal como no vertical. Para isso, tirou-se o pavimento da sala e collocaram-se, ao mesmo nivel,

vigas horizontaes de 30c por 30c, isto no sentido da largura do edificio, sendo estas vigas seguras ás paredes mestras por grossos parafusos. Ficou, por tanto, a parte baixa do teatro segura por este meio. Ao nivel das galerias praticou-se operação analoga. O pesado arco do proscenio mereceu especial attenção.

Esta arcada tem 11 metros de *ribo* e é suportada por uma viga d'aço, em arco, e o péso da parede construída sobre ella, está repartido por duas colunas que saem da propria parede mestra. Com o fim d'aliviar estes pilares, de parte do grande péso da arcada, collocaram-se debaixo d'ella, varios pontalêtes verticaes, de 30c por 30c, descancando sobre uma viga horizontal de 30c por 35c. Feito isto, abriram-se furos nas bases das paredes do teatro, distanciados metro a metro e introduziu-se em cada um, duas curtas vigas d'aço, tendo nas suas extremidades suportes com rodados do mesmo material que descancavam sobre duas vias ferreas, uma de cada lado das paredes. Esta operação foi feita pouco a pouco e á medida que se ia destacando o predio dos alicerces. O resto foi relativamente facil. Uma vez o imenso edificio assente sobre a dupla via ferrea, tratou-se de produzir o deslocamento. Este *desideratum* foi obtido por meio de poderosissimos aparelhos de tração que vagarosamente impeliram para o nôvo destino a pesada construção. Ainda que esta operação fosse relativamente facil, foi mister empregar tôdas as precauções por parte dos empreiteiros, para que o rodar da pesada móle fosse suave e igual, afim das suas paredes não sofrerem o menor deslocamento.

Compreende-se perfeitamente que a translação do teatro fosse, d'esta maneira relativamente morosa, levando uma semana a fazer-se.

ARIOSTO PALMANDO

## ESPIRITISMO

### A conversão de Eugenio Nus ao Espiritismo

Assim, um dia, a proposito dos pretendidos feiticeiros da idade media, que nos parecia alguma coisa de commum com os factos que estavam presenciando, dissertavamos sobre a allucinação. A meza interrompeu-nos e dictou:

«Ha duas especies de allucinação: a má, é medo; a boa, é visão luminosa.»

Falavamos de politica, e eis o que nos disse:

«As revoluções não tem utilidade quando só tendem a derrubar um governo estabelecido. Favorecem as ambições más e agitam a massa dos interesses que, impellidos pelo terror, paralyam todo o progresso, mesmo o verdadeiro.

Por outro lado, ellas sobreexcitam os homens intelligentes e generosos que uma quietação demasiado longa entorpeceria.»

Havia n'este arrasadoo uma especie de contradição, com a qual a meza pareceu não se inquietar, nem pouco nem muito.

Falavamos do fenomeno, de certos *dictados* que nos pareciam em desacordo com a razão. A meza levantou-se para dizer:

«E' por motivo das preoccupações dos operadores que a unidade do fenomeno tem tão grande tendencia a concluir des-acertadamente. A vaidade solidaria produz a solidaria tolice.»

— Muito obrigado!

Está bem entendido que todas as minhas citações são textuaes. Reproduzo as frases dictadas descartando a minha responsabilidade em certas singularidades de estylo. Dir-se-hia por vezes que era um allemão, ainda não familiarizado com os contornos da nossa lingua, quem nos falava.

Que, de resto, a nossa meza não se limitava a conversar em francez. De quando em quando dava-nos seus trechos em latim ou em grego, e um dia deu-nos a entender que comprehendia o inglez.

— Falamos em inglez, disse um de nós.

E sem esperar que lhe repetissem o pedido, o nosso velador dictou-nos em inglez o que se segue, e que um de nós que conhecia um pouco esse idioma, nos traduziu com o auxilio de um dictionario.

«A margarida é uma flôr superior a todas as outras, porque cresce na neve. As flores de luz, emblema dos reis de França, são mais bellas, mas só florescem para os ricos. As creanças saudam a primavera com suas gentis manifestações sobre o verde tapete de relva, constellado de um sem numero de margaridas, a flôr do verdadeiro amor moderno.»

Lamento não termos pedido ao nosso velador que fizesse elle mesmo a traducção d'esta singular fantasia ingleza.

Mas não nos faltaram em francez, ás vezes no mais puro e encantador francez, outras coisas bem mais notaveis

DEFINIÇÕES EM DOZE PALAVRAS. Já havíamos notado que, fosse por acaso ou intencionalmente, dado que nos viamos forçados a admitir intenções e vontade n'este inconcebivel fenomeno, muitas das frases dictadas se compunham de doze palavras.

Um dia, esse ser *espiritual* que, bem que procedendo de nós, como elle proprio confessava, parecia ter gosto em se dar ares de professor e em nos falar assim um pouco como se fala a rapazes, dirigiu-nos o convite, ou antes a ordem seguinte, que eu transcrevo pedindo perdão aos sabios da irreverencia com que ahí são tratados:

«E' preciso definir aos vossos adeptos o que significam os termos que elles ouvem pronunciar diariamente. Os sabios tendem quasi sempre a obscurecer o que ameaça a sua quitanda, e enganam-se grosseiramente.»

— Pois sim, respondemos, mas pedimos que todas essas definições sejam feitas em frases de doze palavras.

O nosso velador não se embaraçava por tão pouca coisa. Desafio todas as academias litterarias e scientificas reunidas a formularem instantaneamente, sem preparação, sem reflexão, definições circunscriptas a doze palavras, tão nitidas, tão completas e, em muitos casos, tão elegantes como as que improvisava, *de pé no ar*, a nossa meza, á qual concediamos, quando muito, a faculdade de empregar uma palavra composta, com traço de união, como n'esta definição da consciencia (1):

— «Quasi-organe qui sépare les aliments de l'arne, comme l'estomac ceux du corps.» (Quasi-orgão que separa os alimentos da alma, como o estomago separa os do corpo.)

(1) Como não seja possível,—pelo menos para nós—n'uma versão obrigada a doze palavras conservar a belleza e propriedade de algumas d'estas definições, preferimos dal-as no original francez, acompanhando-as da sua traducção, melhor ou peor, e sem restricção do numero de palavras, para aquelles dos nossos leitores que porventura desconhecem o bello idioma de Victor Hugo.

(Continúa)

## PALESTRAS

### II

Não ha critério que presida ao instaurar d'um processo-crime, desde que este traduza apenas, o *modus faciendi* d'um individuo que não sabe estabelecer distincção entre o bom e o mau.

Errar conscientemente é bem mais grave, do que commetter um erro sem consciencia do que possa advir.

Se em ambos os casos a premeditação é possível, quantos, dentro do segundo grupo, teem vinculados por forma nitida e incontestavel, os traços da mais crassa ignorancia.

Embora castigar os que erram seja obra de misericordia, nem sempre o regimen d'uma prisão é o melhor castigo a impôr. Senão vejamos.

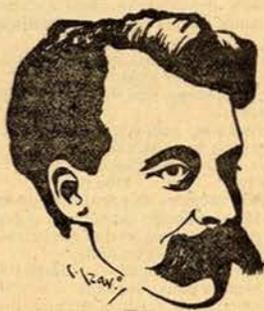
Para aquelles dos individuos a quem uma instrucção ainda que morigerada, colloca em condições de saber ver mesmo a olhos cerrados, é um verdadeiro horror a perda da liberdade. Sabem medir a intensidade do approbio a que voluntariamenae se expuseram, calcular a vergonha sobre os seus rechida, os transtornos que sobrevirão na vida futura.

Soffrem intensamente e com este soffrimento uma regeneração é possível.

Para os outros, para os ignorantes, não se obtem n'um maximo de vezes regeneração alguma, pois contam suas glorias pelo numero de prisões e julgam attingir o apogeo quando, elevadas aquellas á cifra regulamentar, são mandados barra fóra. Em taes circumstancias, a prisão é um divertimento, digno da phrase pittoresca «*estar á sombra*» que ameudadas vezes soltam aos ventos.

Mesmo quando penitenciarios, man-

## Mascaras illustres



Rodrigues de Freitas

tem-se em maioria o numero dos não regenerados e se novas proezas lhes não são attribuidas, é esse successo devido á intervenção de dois novos factores a morte que os ceifa antes da pena cumprida e para os sobreviventes, o temor do carcere, mais do que a venia devida ao seu semelhante.

Temos d'este estado um exemplo, no desrespeito pela auctoridade apenas acatada pelo receio d'um sabre, appenso a polido cinturão.

Qual o castigo util? a escola, onde gradualmente fossem ministrados principios promovendo no homem o seu desenvolvimento intellectual, tendente a desvia-lo do caminho da infamia e desvergonha.

Assim como em debates, *palavra puxa palavra*, no elaborar raciocinios, atraz d'um, outro vem. O individuo habitua se a discutir mentalmente e certo é da discussão nasce a luz. E quão indispensavel é este elemento á saude de qualquer organismo.

Examinemos agora uma outra casta de ignorantes para os quaes o mais elementar phenomeno physico, nitidamente exposto é sempre tomado á conta de milagre.

São menos prejudiciaes mas nem por isso, mais uteis á sociedade.

Desde já abrimos um parenthesis afim de especificar que não é nosso intuito, desvanecer creanças de qualquer natureza, por nós julgadas mas não reputadas, indispensaveis á vida de quem quer que seja.

Que o homem não vive só de pão está plenamente confirmado. Que não vive só de terços, sermões e missas, tambem por nossa parte, não offerece a minima duvida. No entanto, fazendo uma digressão pelos campos, com paragem n'esta ou aquella terreola, vemos que não vae mais alem, a instrucção de seus rusticos habitantes. Verdadeiros braços de ferro para o amanho das terras, sua labuta quotidiana, apresentam-se-nos fraquissimos, invalidos até, ao pretender-se que distingam o A do B. Indaga-se da existencia de escola e um tremendo «*não ha*» deixa-nos boquiabertos e constrangidos.

N'um tal meio, assim organizado, encontram os curas d'aldeia o melhor terreno de sementeira para colher *almas de confissão*. . . Salvo honrosas excepções, não pensam os enviados do Senhor tornar o homem util á sociedade. Abdicam por completo da educação do cerebro, para n'elle verem o receptaculo de Padre-Nosso Avé Marias e Credo. Benzer ao levantar e deitar, uma oração a cada repasto, confissão annual e missa ao domingo e dia santificado é tudo, quanto basta para que o homem progrida. Não guardam os jejuns é atrazar a civilisação. . . Como complemento o pastor ministra ás suas ovelhas, algumas phrases latinas sacramentaes e ouvindo ao terço «*ora pro nobis*» e «*miserere*» soltos em cantochão por quem não conhece o A B C portuguez, julga cumprida a sua missão sobre a terra. Simplesmente desoladora tal orientação.

Sem pretendermos distrahir ao ecclesiastico o expôr de doutrinas religiosas, pela sua profissão imposto, parece-nos que a par d'esse sacerdocio, poderia, por uma instrucção lentamente conduzida, esclarecer o espirito dos que o acolytam, traçando-lhes mais largos horizontes. Por tal motivo a sua obra não era menos sacra pois conseguia reduzir a pleiada dos demasiado imbecis ou extremamente hypocritas.

O imbecil pôde não ser um mau, mas é um inutil. O hypocrita, poderá ser util, porém é sempre um mau.

Nem só os campos enfermam da presença de taes entes. Mal estaria ás cidades, por pequenas ou grandes que sejam, não encerrar em si variados especimens, a expôr aos forasteiros.

A escola e sempre á escola, compete crear no organismo uma reacção salutar á accção que sobre elle exerça o assimilar de qualquer principio ou theoria.

A ninguém deve causar tedio procurar instruir-se em qualquer idade, pois que «o homem não nasce feito, faz-se».

Cruzar os braços ante o indifferntismo com que entre nós se vinculam assumptos de instrucção é engrossar a torrente dos analfabetos, de si tão caudalosa.

Assistir impassivel ao encerramento de estabelecimentos d'ensino, applaudindo com desmedido phrenesi a diminuição do ambito escolar, é caminhar na rectaguarda das nações civilisadas, como, de chapeu na mão, caminhamos no couce das procissões de Passos, sustidos pelos cavallos da municipal. . . Perdão, sustidos pelos cavalleiros da guarda municipal.

JORZE.



### Epigramma

Houve um ministro da guerra  
Pessoa muito capaz;  
Casou com D. Prudencia,  
Morreu na rua da Paz.



## O phantasma da Alameda

A minha Mãe



Conto de Maria Magdalena de Gondomar

(Continuação)

O official, teve um movimento de hesitação, logo reprimida, e apertou de encontro ao peito, a filha estremeçada. A commoção embargava-lhe a voz e aquelle heroe que ganhára a Torre e Espada, que nunca fremera nos campos da batalha, quiz falar, mas um soluço estrangulou-lhe as palavras na garganta:

Magdalena, ia para dizer alguma cousa, porem elle fê-la calar, dizendo-lhe:

— Filha, sei tudo... perdão-te...

— Meu santo pae... obrigado... eu vou morrer... presinto a morte muito próxima... dizem que aos moribundos nada se nega... pois bem, meu pae, já que é tão bom, e pela memoria de minha santa mãe, lhe peço... perdoe tambem a elle...

— Não, nunca!...

— Meu pae... eu morro... perdão para elle... E novo deliquio se apoderou da joven.

O ancião, desviado do julgado a morta, correu fóra do quarto, bradando pelo medico que acorreu immediatamente.

— Doutor, está morta!... e fui eu que a matei, pois lhe recusei o que me pediu...

O medico, poz-lhe a mão sobre o coração, depois disse:

— Em breve torna a si. Nada lhe negue, se a estima.

Magdalena, reabriu os lindos olhos, agora tão mortificados, dirigindo-os supplices para o pae, que pegando lhe nas mãos, disse muito baixo:

— Perdão-lhe, tambem.

Respondeu-lhe um leve grito de alegria, levando a enferma aos labios, aos mãos do coronel, cobrindo-lh'as de beijos e lagrimas.

Com um gesto indicou que se retirassem, querendo só junto de si Miquelina, a quem começava fazendo as suas ultimas recommendações.

Decorrido algum tempo, Miquelina veio chamar o medico, pois a febre recrudesceu, tendo o delirio, tomado posse, do enfraquecido cerebro da desventurada noiva de Luiz.

Foi uma crise medonha, que lhe esgotou por completo as forças, passando ao estado comatoso.

Quando socegou, passado duas horas, reconheceu os que a rodeavam; chamou com um gesto a sua dama e amiga, dizendo-lhe tão baixinho, que ella mal ouviu.

— Queria vê-lo, antes de morrer...

A dama de companhia, olhou indecisa para o coronel, transmitindo-lhe baixo, mas de fórma que o medico ouvisse, o pedido de Magdalena.

Perante o gesto de rebeldia do ancião, o doutor observou-lhe, curvando-se um pouco para elle, para a pobre Magdalena não ouvir:

— Aos moribundos, nada se deve recusar.

— Pois sim, que venha, eu retiro-me para o meu quarto.

Pobre pae!

Foram avisar Luiz, que não tardou em vir, pois estava perto; não se atreveu a afastar para longe do sitio onde a sua adorada agonisava.

A alegria mais deliciosa transpareceu no rosto da moribunda, ao vêr o mancebo. Foi com difficuldade, pois só a custo podia falar, que balbuciou:

— Luiz... quiz despedir-me de ti... não queria partir sem tornar a vêr-te... vou morrer; meu pae concedeu-nos o seu perdão.

E como Luiz se suffocasse em pranto, disse forcejando por lhe pegar na mão, que elle lhe entregou:

— Eu tambem perdão a quem me matou...

O mancebo, endireitou-se, e com voz firme, em que se revelava uma resolução inabalavel, disse em tom solemne:

— Juro, Magdalena, que ou serás em breve minha esposa, ou se morreres, não te sobreviveréi uma hora...

— Obrigada, meu Luiz... um beijo... será o ultimo...

O visconde, debruçou-se sobre a cama, pousando os labios nos da joven, num beijo de despedida.

A scena era tão dolorosa, que o proprio doutor, não conseguiu conter as lagrimas.

Foi um beijo longo, sem fim... um beijo para a eternidade...

Luiz, ergueu-se como transfigurado... Magdalena, parecia mais serena.

— Adeus, Luiz... meu adorado amor... Chame-me meu pae... pae... meu pae...

O visconde occultou-se por detraz de um cortinado do leito: o ancião entrou, mal se podendo suster de pé, sendo preciso que Miquelina o amparasse, até junto da agonisante.

— Pae, adeus... obrigado... morro tranquilla... vou pedir a Deus por todos... e cahiu sem forças, nos braços do medico, soltando um grito estrangulado.

O estretor começava, já não conhecia ninguém... em breve deixaria de existir.

Ruy de Albuquerque, chorava doidamente sobre uma poltrona.

O doutor, fê-lo erguer brandamente, conduzindo-o para fóra do aposento, sem que elle fizesse a menor resistencia... estava aniquillado.

Neste momento, chegava um major, amigo do coronel, a quem o medico disse:

(Continua).

## Madrugada

(Inverno)

Geme o vento as eindeixas da tristeza!  
Nuvens negras sem fim, n'um grande rolo,  
acompanham o ceu de polo a polo  
dando um ar de enlucado à Natureza!

A chuva sem cessar cae na devesa  
transformando em pãul o arado solo;  
scintilla o raio como em amplo colo  
desliza a forte luz d'uma turqueza!

Brame ao longe o trovão! Os segadores  
não acodem ao campo nem a eira.  
No lar impera o frio em seus horrores!

E a geada que cobre a serra inteira,  
queimando cruelmente as raras flores,  
semelha o escapulario d'uma freira!

MARCO SIRE.

## Introdução do livro: Primavéras

(FRAGMENTOS)

Mas, já, na funda curva do infinito  
as estrélas começam desmaiando  
e as sombras, tremulando,  
das rochas de granito  
definem-se nos longes  
quaes solitários monges  
que em noutes silenciosas, púras, bélas,  
fôsem estudar os ástros, as estrélas.

As sombras vão morrendo  
e as tintas da alvorada, já sensíveis,  
mostram que mais um dia vem nascendo.

E tudo o que era mancha sem ser fórma  
vái sendo meiga fórma definida.

Mas a luz vem na curva da alvorada  
subindo gradualmente,  
e a cada brando ráio que ella envia

tomba uma estréla argentea, prateada,  
pêla amplidão silente,  
no seu leito de mórtre: a luz do dia.

E em breve pêlo Céu as niveas 'strélas  
tombáram desmaiadas;  
pois tantos raios enviou a auróra  
nessa bendita óra  
do renascer do dia,  
que as estrélas, Ofélias púras, bélas,  
morréram afogadas  
num roseo mar de luz e de harmonia,

JOÃO MARIA FERREIRA



## A Nossa Estante

*Livro de Dôr*, versos por Carlos Cilia de Lemos.

Nôvo ainda, o Snr. Cilia mostra uma decidida aptidão para as luctas d'Apólo. Na ardua tarféa d'escalar o Pindo, o nôvel poeta chegará ao cimo se quizer reformar um pouco a sua *maneira* e ouvir alguns consêlhos. Assim: parece-nos que ainda ha no seu livro falta de unidade no estilo, notáveis incorrecções de forma e, ás vêzes, um certo desprêso pelas regras habituaes da metrificação. De resto, apesar da monotonia resultante da constante tristesa de que estão impregnados, do primeiro ao ultimo, (dôres fugazes da adolescencia) os versos do Snr. Cilia leem-se com muito agrado, notando-se que, não obstante os pequênos *senões* que apontámos, tem dentro do cranio a pasta com que se amassam as boas poesias.

São do seu livro as poesias que, com a devida vénia, transcrevemos.

### Para elle

Eu queria que o meu primeiro livro  
Fôsse um rosário branco ou cor de rosa.  
E que tu lhe tivesses muito amor  
Cômo tens á quimera amorosa.

Eu queria que o meu primeiro livro  
Fôsse o rosário da tua oração.  
E que as páginas fôsem as continhas  
Quando o lêssem na tua branca mão.

### Sonata

Uma sonata triste e vagarosa  
De andamentos pesados e soturnos.  
Faz lembrar um pedaço duma rosa  
Desfeita em meio de trovões noturnos.

Uma sonata triste e apaixonada,  
Gemida pêlas mãos dum grande Artista,  
Faz-me lembrar a Vida desgraçada  
Duns olhos de cor branca, já sem vista

Uma sonata triste de Chopin  
Tocada com paixão numa manhan,  
Faz-me lembrar um grande desgraçado.

Cada nota um pedaço duma Vida,  
Talvez amargurada e dolorida,  
Cada andamento um pouco do passado.

### Cumulos

Desfolhar a flôr d' enxofre.

Descascar o Pero d'Alemquer.

Achar feia a belladona.

Abriu o chá com gazua.

## Coisas da America

O Club das Crianças

III

O *Boy's Hour*, tem uma comissão de redacção, constituída pelo Peixotto e rapazes eleitos em assembléa. Esta comissão convida os socios a enviarem á redacção notas sobre excursões e experiencias pessoais, recomendando-lhes que sejam breves e concisos na exposição, claros na forma, impecaveis na sintaxe e correctos na ortografia.

Pede-se-lhes principalmente que sejam verdadeiros.

Excelente escola de jornalismo. Vamos ler um numero do *Boys' Hour* e resumil-o de maneira que possamos dar uma idéa rápida ao leitor do modo como escrevem os jovens americanos, quaes as idéas que actuam n'aquelles cérebros com mais intensidade e, emfim, como elles preferem divertir-se.

Por ex.: n'um artigo sobre o *base-ball*, lê-se que S. Francisco possui actualmente mais de setenta *équipes* d'este jogo.

Em seguida a esta noticia, a redacção acrescenta:

"O *base-ball* abre o apetite em alguns minutos. Mas, em primeiro lugar, deve considerar-se como o esporte masculino por excelencia. Torna o individuo vivo, activo e dá ao espirito a mais espantosa rapidez de comprehensão. Alguns jogadores conseguiram aperfeçoar-se de tal maneira, que transformaram o divertimento em profissão. Joe Corbett, o fenomenal *atirador de bolas*, recebe um *dollar* por cada uma que atira."

N'um capitulo intitulado:

— *Coisas dificeis de praticar lê-se:*

"Ninguém pode conservar-se cinco minutos imóvel, tendo os olhos vendados."

"Ninguém pode conservar a posição vertical junto d'uma parede colocando os pés, em todo o comprimento, ao longo do roda-pé."

"Por mais força que se empregue, é impossivel esmagar um ovo colocado entre as palmas das mãos, no sentido do maior eixo delle."

"Ninguém pode levantar se d'uma cadeira sem inclinar o corpo para diante ou meter os pés debaixo d'ella. Sôb condição, está claro, de se não estar sentado no bordo."

"Ponha um fósforo de pau sobre a unha do dedo médio, apoie as cabeças dos dedos visinhos sob as extremidades do fósforo e carregue com toda a força: se for capaz de o quebrar, dou-lhe um doce e dos finos."

O periodico apresenta em seguida, como modelo digno d'imitar-se, a iniciativa de tres jovens membros do *Club*.

O primeiro é um garoto de treze primaveras que, ha quatro annos e meio, faz parte do *Boy's Club* e que tem a graduação de *segundo sargento*. Prefere os

exercicios militares a quaesquer outros divertimentos, tem a bôssa da mecanica, tendo construido já varias maquinas e motores que funcionam na perfeição. Alem d'isto, é um dos melhores elementos dos côros d'aquella instituição.

O segundo é rapaz, pouco mais ou menos da idade do primeiro. Chama-se Walter Downing e distingue-se por ser já um distinto tipografo-impresor.

Comprou um pequeno prelo onde tra-

tuamente e disse consigo que, se pudesse arranjar uma casa ou se juntasse os pequenos, dando-lhes simultanea e paternalmente educação moral, estudo e diversões, ensinalos-ia a respeitarem se mutuamente e decerto conseguiria fazel-os mais tarde, homens dignos e respeitaveis. Falou do projeto a uma senhora rica, de seu conhecimento e esta dama ofereceu immediatamente um de seus predios para séde do Club.

Dez *dollars* d'aqui, trinta d'ali, cem d'acólá e, pronto, dentro de pouco tempo a instituição estava completa. Completa sim, mas não funcionava porque o mais difficil começava agora.

Os paes dos rapazes não consentiam que os filhos se agremiassem. O apóstolo porem não desanimou, tornou á carga, pediu, implorou, meteu empenhos e por fim venceu.

Hoje, o predio é pequeno para a concorrencia.

E' assim que, na America do Norte, se fundam obras sociaes.

E no velho mundo?

J. M.

## SERENATA...

MOTE

Se me queres ver contente,  
Não negues um favorsinho:  
Nunca assomes á janella,  
De manhã, muito cedinho...

GLOSAS

Talvez eu seja exigente...  
Mas a dizer a verdade,  
Tens que fazer-me a vontade,  
Se me queres ver contente.  
Que no meu amor 'stás crente,  
Que em teu peito já fiz ninho,  
Vem dizer-m'o teu carinho  
Tantas vezes demonstrado...  
Gostará's tique zangado?!  
Não negues um favorsinho:

"Tu á tarde és linda e bella,  
Como flôr bem matizada!...  
Mas quando não penteada...  
Nunca assomes á janella.  
Podes crer, a *caiadella*  
A compôr o desalinho  
De teu rosto, um pergaminho,  
E' factor indispensavel,  
Para ser contigo amavel,  
De manhã muito cedinho..."

JORZE

## Corda meo, surge...

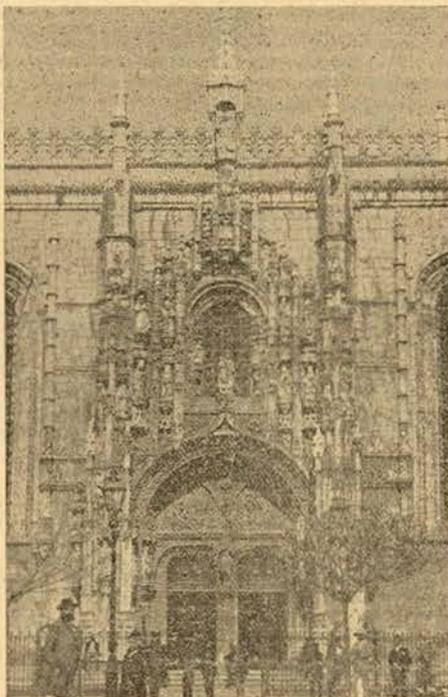
Ao ver-te tão desgracado  
Meu coração angustiado  
Se entregou  
Ao teu amor... — Desventura!  
Foi para dar-lhe á amargura,  
Que o matou

Não poudes mais,—desditado,—  
Reagir contra o peccado,  
Nobre e forte...  
No amargor, que lhe deste,  
Meu amor, como pudeste  
Dar-lhe a morte?

Mas sem vida inda estremece,  
(Caso estranho!) se acontece  
Teu olhar  
Dar-lhe um riso de doçura...  
Vem mil sonhos de ventura  
Recordar...

DEOLINDA DE SOUZA

## Portugal pittoresco



PORTICO DOS JERONYMOS — LISBOA  
Photographia do Ex.<sup>o</sup> Sr. João Maria Lopes

balha, conseguindo que algumas casas commerciaes de S. Francisco lhe encomendem bilhetes de visita, facturas, programas etc. E' curioso o facto d'este manco cursar diversas aulas com muito aproveitamento e só trabalhar em typografia durante as horas em que os demais rapazes brincam.

O terceiro chama-se Raymond Davis, é natural de Portland e o *Boy's Hour* chama-lhe 'o mais joven fabricante da União."

Fabrica um pó fino e perfumado, cuja utilidade ignoramos mas que deve ter grande merito, porquanto o vende em abundancia aos colegas e a outras pessoas da cidade, chegando a fazer a receita bruta mensal de cincoenta *dollars*.

A creação d'esta *grande obra infantil* que é o Club das Crianças, a sua existencia e prosperidade, devem-se á iniciativa d'um só homem: do Peixotto.

Este benemerito, passando n'uma rua, viu um dia dois rapazes socando-se mu-

## Carta em verso

Resposta a uma carta em francez da enfermeira de meu sobrinho, na Serra da Estrella, agradecendo-me uma pequena lembrança que lhe mandei, sem a conhecer, e cuja assignatura não percebi.

Madame, não sei de que,  
Vot're lettre recebi;  
E' muita a vossa bonté  
E o francez beaucoup joli!

Seia benit vot're soim  
Que a meu neveu dispensaes;  
Rem se vot' qu'aussi sois mãe  
Je ne l'oblieraí jámais!

Foi um cadeau tão petit  
Ce que je mandei p'ra lá  
Que si vous dizeis; merci,  
Direi eu: pas de quoi!

C'est que lá, n'essas alturas  
Si proche do Paraizo,  
Sabeis changer amarguras  
Com tendresses d'um sorriso!..

Que seja feliz toujours  
Qui sait com tanta bondade,  
Espalhar com tanto amour  
D'autant bien á humanidade.

30-5-902.

JOSÉ PAIVA SOARES DINIZ

## A uma virgem

Bemdito seja o sol, bemdita a sua luz  
que faz nascer o verme entre o calix da flor;  
Já foste terra, flor; tens d'esta o seu perfume  
que deu a vida a Nero e que matou Jesus.

Bemdita eternamente a força que produz  
o germe sobre a terra e nos offrece a dor  
que arrasta a nossa vida ao ultimo estertor,  
que coroe e transforma e á perfeição conduz.

Dimanas d'essa força angelica deidade...  
Já foste terra, flor; tens d'esta o seu perfume  
e como a terra mãe, terás fecundidade,

que é lei que santifica, unica que resume  
o motivo da vida e á qual a mocidade  
se curva, como o vil se curvaria ao Nume.

1907

ANTONIO SACRAMENTO JUNIOR.

## A prova dos pecegos

Um lavrador, que tinha quatro filhos  
trouxes-lhes um dia cinco pecegos  
magnificos. Os pequenos, que nunca tinham  
visto semelhantes fructos extasiavam-se  
diante das suas cores e da fina penugem,  
que os cobria.

A' noite o pae perguntou-lhes:

— Então comeram os pecegos?

— Eu comi, disse o mais velho. Que bom que era! Guardei o caroço e hei-de plantar-lo para crescer uma arvore.

— Fizeste bem, respondeu o pae; é bom ser economico e pensar no futuro.

— Eu, disse o mais novo, o meu pecego comi-o logo e a mamã ainda me deu metade, do que lhe tocou a ella. Era doce como mel.

— Ah! acudiu o pae, foste um guloso, mas na tua idade não admira; espero que quando fôres maior te has-de corrigir.

— Pois eu cá, disse um terceiro, apanhei o caroço que meu irmão deitou fóra, quebrei-o e comi-o que estava dentro, que era como uma noz. Vendi o meu pecego e com o dinheiro hei-de comprar coisas, quando fór á cidade.

O pae meneou a cabeça.

— Foi uma idéa engenhosa, mas eu preferia menos calculo. E tu Eduardo, provaste o teu pecego?

— Eu, meu pae, respondeu o pequeno, levei-o ao filho do nosso visinho, ao Jorge, que está coitadinho com febre. Elle não queria, mas deixei lh'o em cima da cama e vim-me embora.

— Ora bem, perguntou o pae, qual de vós é que empregou melhor o pecego que eu lhe dei?

— Foi o mano Eduardo.

Este no entanto não disia palavra e a mãe abraçou-o com os olhos arrasados de lagrimas.

GUERRA JUNQUEIRO

## AMOR?...

...amor, — mentira espiritual  
Santos Vieira

Despedaçaste rindo o meu orgulho um dia  
Emurhecendo a flor do Sonho e o Sentimento  
D'uma pureza ideal, que me serviu de guia  
Na Vida, onde encontrei só Dor e Sofrimento

Quando rompia o sol e abandonava a orgia  
E recolhia ao leito, ao somno, temulento  
Lembrava-me de ti, que eras o meu tormento,  
Vendo rir do Destino a tragica ironia...

E amavas a quem que não te amava... Emtanto  
Crescia no meu peito o affecto sacrosanto...  
Para tamanho amor, tamanha desventura...

Risível concepção da minha mente em chamas...  
Quem sabe lá, talvez, após tanta amargura,  
Que não te possa amar sabendo que tu amas...

(Diamantes negros)

EDUARDO METZNER

## Macario e os « amplexos... »

Anastacia costurava a toda a pressa um lindo corpete, ornado com rendas valencianas, pois o Macariosinho chegava dentro em pouco e desgostar-se-hia não encontrando tudo prompto.

— Tens a linha toda de bôa mãe, balbuciava a mamã Jacintho limpando ao avental, lagrimas de alegria...

— E eu, que feliz vou ser ao mudar a fralda ao netinho, accrescentava Barnabé, enquanto pellana batatas para o jantar dos caixeiros da sua mercearia.

Ao almoço, jantar e ceia, a conversação recahia fatalmente sobre os ultimos figurinos. O merceiro arripiava-se ás vezes com a quantia a despende, porem era forçoso que Anastacia desse o nó... O futuro genro era bom rapazito, devia no regresso do Brazil trazer alguns vintens e mau era perder o ensejo de collocar a menina. Esta, tinha alem de

trinta e cinco primaveras, outras prendas que a recommendavam...

Bôa dona de casa, um portento na musica e maneando com extrema facilidade todas as linguas, incluindo a de vacca que sabia preparar na perfeição...

Soava na torre de S. Paulo, meio dia, quando um bofetineiro entrando na loja, entrega a Barnabé um telegramma. Aquelle precipita-se para junto de sua esposa e filha e entregando a esta a missiva exclama contentissimo:

— Abre filha, abre e lê em voz alta...

Anastacia cõra qual rabanete e obedientemente pronuncia, entre arrancos de pudôr, as seguintes palavras: «Depois manhã, Lisboa. Prepara-te e a teus paes, receber tres enormes amplexos».

Barnabé, ao terminar a leitura não ponde conter um sébo!!!...

Mal imaginava Macario que os seus amplexos, vinham fazer a cabeça em agua, aquella santa familia.

No dia e hora aprazada, o caes de desembarque abarrotava de gente. O vapor já atracára, a ponte tinha sido arreada e ao som da «maxixe», executada pela fanfara de bordo, eram os recémvidos recebidos entre abraços e beijos dos que os esperavam.

Subito, todas as attentões se voltam para um grupo que a toda a pressa se dirige para a ponte, empurrando este, pisando aquelle.

São os esposos merceiros e sua filha salchicha que chegam. Exaustos, com o suor caindo-lhes em grossas bagas, conduzem cada um, uma enorme gaióla...

Macario sae-lhes ao caminho e como doido, abraça por sua vez os genros e... «a deusa dos seus sonhos»...

— Os amplexos?! interroga apressado Barnabé. Vamos, Macario, podemos despacha-los já, visto haver gaiolas para os tres...

— Sim, os macacos, accrescenta Jacintho, vendo o espanto do genro.

Anastacia, costura agora as roupas do seu primeiro fructo, enquanto Barnabé, salta a metêde fóra do balcão, para correr os garotos que lhe não largam a porta gritando:

— «O' menino, vendes uma gaióla para amplexos?!...»

O pobre merceiro julgára estes e macacos, termos sylólomos:...

JORZE

## Pensamentos

Que fóra a vida se n'ella não houvera lagrimas?

ALEXANDRE HERCULANO.

Em maus caminhos, raro não haver maus encontros.

PADRE MANUEL BERNARDES.

Da determinação que tens tomado  
Não tornes por detraz, pois é fraqueza  
Desistir da coisa começada.

CAMÕES.

A esmola é irmã da oração.

V. HUGO.

## Vida Sportiva

### Uma grande excursão em bicycleta

(Continuação)

Sahira de Vizeu ao anoitecer e, como não havia luar, em breve me encontrei em densa escuridão. Eu deixara logo atrás de mim os 3 concorrentes do Raid futurando que, a ser mal sucedido na minha tentativa, e a precisar do seu auxilio isso se desse o mais proximo possivel de Mangualde. Achei-me portanto só, sem distinguir o caminho, que descia rasoavelmente, sem poder servir-me bem dos travões pelo impedimento do pulso, ainda muito sentido, e do estorvo causado pelo impermeavel que envergára, porque cahiam uns ligeiros borrifos. Estava mettido n'uma verdadeira camisa de onze varas de que me salvou um encontro providencial, a que devo o ter chegado emfim a Mangualde ao fim de tres horas de difficil viagem, pois os ultimos oito kilometros eram a subir.

Uma carroagem em que se transportava o sr. Constancio, irmão de um dos concorrentes, acompanhado de outros cavalheiros, e cujo farol me guiou, ainda com a vantagem do gado vir bastante fatigado de longa jornada, pois, se assim não fosse, n'aquellas circumstancias, ter-me-hia visto forçado a desistir de a acompanhar. Foi, certamente a mais embaraçosa situação em que me encontrei em todo o percurso.

No dia seguinte segui viagem pelas 8 da manhã, ao mesmo tempo que os meus novos companheiros, porém, logo á sahida, tive um dos pneumaticos perfurado de lado a lado, tendo de pedir auxilio a uns homens que passavam, para a montagem e desmontagem do protector. Foi o terceiro e ultimo furo, felizmente.

Almoocei em Fornos de Algodres, e descansei em Celorico, onde, após a minha sahida, choveu torrencialmente quando eu não iria a mais de tres kilometros. D'ahi uma noticia que me dava como tendo alli passado debaixo d'agua. E capei d'esta, como de todas as outras, com extraordinaria felicidade, mas não sem grande receio, pois d'alli á Guarda (28 kilometros, não ha povoações á beira da estrada, tendo para remate cerca de tres leguas a subir. Passei á fonte da Ramalhosa que reconheci, lembrando-me ao mesmo tempo d'um delicioso passeio que com o Ex.<sup>mo</sup> Sr. Telles de Vasconcellos, distincto vulto da Guarda, e outros cyclists amigos meus, déra ha dois annos á quinta Aragão, alli proxima, atravessada pelo Mondego e onde pequenos nadadores nos incitavam a que lhes atrassemos vintens embrulhados em papeis, indicando-nos as maiores profundidades para que os menos experientes não conseguissem captalos; em seguida mergulhavam em toda a largura do rio. O tunnel de verdura, o castanheiro secular... bella tarde, essa.

Enlevado n'estas gratas recordações fui galgando a aspera ladeira até que, apercebendo o chouto de um cavallo, - era noute fechada - fui alcançado pelo concorrente sr. Cabral, que avidamente não seguira por difficeis atalhos, o qual me acompanhou até á cidade e á minha frente deu entrada na Guarda, algum tempo antes d'aquelles que tinham deixado a estrada real.

Foi talvez n'essa cidade que a concorrência de povo se mostrou mais imponente e entusiasta para o grande certamen hippico e, pela minha parte não posso esquecer o acolhimento dos cyclists representados pelos irmãos Vinhas.

Apesar de recolher pela 1 hora da madrugada, as 6 estava a pé, tendo passado a noute (na Guarda!) só com o lençol e a coberta. Contas a ajustar com o sr. Costa Ramos, que julgou aquella cama destinada ao concorrente Victor Bider, ainda muito atrazado, e cujas mallas estavam junto d'ella. Respeitei-lhe o somno e dormi tambem.

De manhã os meus companheiros haviam-se-me anticipado bastante, mas como a sahida se fazia com 16 kilometros descendo, alcancei-os a breve trecho muito antes do meio da ladeira. Ao cabo d'esta descida entra-se n'uma muito extensa planicie, cousa que desde Aveiro eu desconhecia, com a differença porém que esta era deliciosa e as de Aveiro estupidas. A buatro kilometros da Covilhã parece-nos tel-

ao alcance da mão, e, todavia, d'ahi até lá é uma difficil subida, que fiz empurrando a machina, sob um céu ameaçador de se abrir, em catacatas a cada instante. Logrei emfim alcançar a cidade, e etape era no quartel, apresentei a minha caderneta e... nunca vi cabir tanta agua. Os concorrentes foram chegando, pode calcular-se em que estado.

Eu tinha chegado á Covilhã pelas 10 e meia da manhã, mas não podia pensar em proseguir em virtude de tal diluvio.

A tarde dois dos concorrentes do Raid protestaram seguir, na tentadora esperança de, com a sua arrojada resolução, ganhar terreno aos do primeiro grupo. Muniram-se de grossas camisolas de lã, que a muito custo fizeram desaparecer sob os dolmans, adquiriram cada um seu d'esses enormes guarda-chuvas, verdadeiras baracas, que todos nós conhecemos, mandaram selar e partiram. Ficámos nos todos em conjecturas de como se sahiriam do seu empreendimento; a chuva despenhava-se em torrentes.

Sentávamo-nos á mesa para jantar quando á porta da sala surjem ambos empunhando as respectivas malas. O que todos nós rimos com a narrativa do seu insuccesso! A surpresa de alguns que ainda vinham para a mesa e já alli os encontravam! As montadas ao chegarem ao coneco de uma ladeira, e ao receberem nas patas a enxurrada que por ella descia em cascata, giravam sem governo, emquanto a ventania batendo os pesados guarda-chuvas os arremecava ora a um lado ora a outro dos cavallos. Rimos perdidamente com a sua pittoresca e alegre descripção.

Na manhã seguinte só pelas 8 horas me aventurei a seguir, pois o tempo continuava ameaçador. Almoocei no Fundão onde tive noticia dos Raidistas terem alli sahido da estrada para atalhar. Pelas 11 horas estava de novo a caminho trepando a linda serra da Gardunha toda coberta de arvoredo e com lindos pontos de vista. Bellas sombras para disfructar no tempo proprio. Este ponto era para mim desconhecido e, ao notar que era realmente bello senti não poder deter-me, receioso da incerteza do tempo. Do alto da serra e passando em Alpedrinha vem descendo suavemente por quasi trinta kilometros até proximo de Castello Branco, onde entre os officiaes que nos aguardavam fui, com prazer, encontrar mais condiscipulos do meu tempo do Lyceu. O meu cyclometro marcava 8,32 kilometros.

J. COSTA BRAGA

## IMPOLUTA

No seu sorriso branco e innocente  
Havia mais tristeza e desventura  
Do que nos labios da mulher prejura  
Quando o remorso lhe avassala a mente.

Não sei se era dorido se descrente  
O seu olhar velado de amargura,  
Mas tinha essa bondade, essa candura  
Que nos seduz apaixonadamente.

Amou alguém que já não pôde amar  
E hoje adora a sua imagem querida.  
Eis toda a historia do seu triste olhar.

Ella era a sua noiva promettida,  
E já que elle morreu sem a beijar,  
Jámais um outro a beijará em vida.

SERWIGNAK

## Semana Alegre

Reflexões d'um medico á porta d'um Cemiterio d'aldeia:

— Corja d'ingratos! Nem um agradecimento sequer! E não se lembram estes felizes mortuos que só a mim devem a sua posição.

## A nossa pagina musical

O Ex.<sup>mo</sup> Sr. Joaquim Pedro Simões, auctor da valsa do presente numero, é um dos executantes da banda da Guarda Municipal de Lisboa, onde toca trombone Verdi, instrumento unico em Portugal.

Novo ainda, pois conta apenas a idade de 24 annos, por varias vezes se tem evidenciado como compositor, vendo as suas produções, onde se revela uma rara concepção artistica, coroadas do melhor exito.

*Le Chant d'Amour*, como as nossas gentilissimas leitoras poderão averiguar, attesta a veracidade das nossas palavras.

Sahido da Casa Pia com breves conhecimentos musicaes e notando que dentro em si havia uma decidida vocação para aquella bella arte, resolveu cursar o Conservatorio, entrando depois para a banda da Guarda Municipal, onde como artista tem colhido bastas provas de consideração do maestro Taborda e as da mais profunda estima de todos os superiores que veem n'elle um militar correcto e irreprehensivel; actualmente é tambem professor da orchestra do Theatro de S. Carlos.

A extrema modestia foi sempre um predicado adoravel na sua carreira musical, o que faz com que receosos d'uma offensa lhe tracemos estes ligeiros dados biographicos.

No numero 9 publicaremos o *Fado do Lamparina*, inspirado trecho do conhecido e laureado maestro Philippe Duarte, escripto para a engraçada farça de Eduardo Schwalbach, representada ha annos pelos estudantes das Escolas de Lisboa.

Este fado que tão grande successo alcançou, foi-nos amavelmente cedido pelo seu illustre auctor, que mais nos prometteu escrever uma valsa para um dos numeros seguintes.

Por tão subida honra aqui lhe patenteamos a nossa gratidão.

## TRISTE CANÇÃO

Repetimos a pedido do auctor o soneto que tem este titulo, e, apesar do cuidado com que foi revisto, o terceiro verso da primeira quadra saiu errado. Deve ler-se:

*Mal que de bocca em bocca, atroç, partito.*

## CURIOSIDADES

Eis os indicios de chuva que dão alguns animaes:

— O gato volta as costas ao lume e coça muito a cabeça.

— O gallo canta muitas vezes e bate as azas.

— Os patos, ganços e porcos fazem um barulho infernal.

— Os vermes saem da terra.

— Os porcos espojam-se.

— Os passaros refugiam-se nas sebes.

— As abelhas voam proximo do cortiço e as andorinhas rentes da terra e da agua.

## POSTA RESTANTE

S. Pinto. — Já teriam saído se... a ultima quadra não fosse tão forte... O jury achou-os, apezar d'isso, muito fraquinhos.

Claro Escuro. — Agradecemos a amabilidade do seu postal.

Temos o maximo prazer em ser-lhe agradaveis mas, alem da já citada, tem outras. Veja-o bem e mande-o com as emendas de que necessita ou mande outro, se quizer.



**QUAL É A COISA,**

**QUAL É ELLA?**

### Decifradores

Do n.º 6

Em concurso — A. E. de Carvalho (11), Manuel de Sousa (11), Marianno Ribeiro (10), Litrás (8), Sado (7).

### Decifrações do numero antecedente

Astragalo—Alagoa—Caropobeba—Pinhota—Patacho—Amar, rama—Copal, palco—Coriscos Sobrepeli?—Socego—Entrelaçado—Hellesponto—A desconfiança é mãe da segurança—Alho—Facha.

### Logogriphos

Não vou, não quero, já disse, }  
Nem que me matem eu fallo: } 5,1,3,7,8.  
Já tenho perdido immenso }  
Por estar dando ao badallo. } 5,1,7,2,6.

Quando eu estava ao balcão }  
Nunca ao certo calculava, } 1,4,7,6.  
Assim perdi muitas vaccas }  
E certo boi que estimava. } 8,2,3,4.

Creiam todos, os que querem  
Encontrar decifração,  
Que só na entomologia  
'Stá clara a explicação.

J. P.



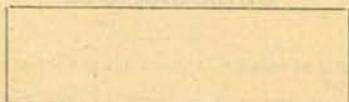
### Rápido

Prego  
1,2,3,4,5

Planta

Cavidade  
6,7,8,9

J. P.



### Charadas

(Ao Lamparina)

Posso ser branca, amarella,  
Ser vermelha, ou mesmo preta,  
Posso ser, e não é treta,  
Rechonchada ou mugrizella;

Posso ser séria, atrevida,  
Ser maior, ou mais pequena,  
Mais córada, ou mais morena,  
Mais redonda, ou mais comprida-2.

Mais velha, que tua mãe,  
Sou bem velha, tenho edade,  
Mas o certo é que a verdade  
Jamais o disse a ninguém-2.

Agora, repara bem:  
Ha quem me chame bolota,  
Ha quem diga, por chacota,  
Que sou mentira tambem.

Mas tal nome não me agrada,  
E' deveras humilhante...  
Sou um adorno elegante  
N'uma casa bem montada.

J. L. P. F.



### Novissimas

A Soberana com esta mulher é um bom fructo-3-3.

AIDUALC



Na manta do tótó encontrei esta gualdrapa-1-1.

J. L. C. (SADO)



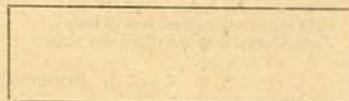
Na musica esta nota é cantiga-1-1.

GALHÊTO



D'este pronome e d'este titulo se fez um peixe,  
1-2.

A BRANDO



### Truncada

No meio penetro...-2.

FAUSTO NEVES



### Crescente

Fui passear a Espinho e fui á roleta jogar dez tostões ao—. Immediatamente — para Paris para fazer — do dinheiro que ganhei.

FAUSTO NEVES



### Enygmas

#### Typographicos



M

T

LITRAS



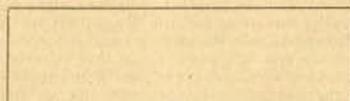
RO PA

L. na



KK  
KKK K  
KK  
KKK

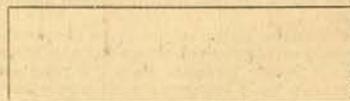
J. L.



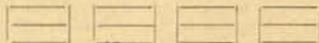
### Por iniciais

OLNSCUAO  
I 2 I I 2 I I 2

A. R.



### De palitos



Tirando 10 palitos fica dentro d'agua.

A. P.



Artigos a decifrar, 14.



“A Saude é a Vida”



Quereis tel'a?

Usae o *LICOR RADICAL*

✱ DE ✱

H U M B E R T O      D I A S

“Centenas de curas o attestam”

O **Licor Radical** é o depurativo por excellencia para a cura da Syphilis, Rheumatismo agudo e gottoso, eczema, nevralgias, affecções chloroticas, enxaquecas, dilatação d'ovarios, inflamações dos olhos, doenças da pelle e todas as doenças em que se recommende um energico purificador do sangue.

Apresentamos provas e  
testemunhas insuspeitas.

Exigir sempre a rubrica do au-  
tor, afim de evitar as contrafac-  
ções prejudiciaes á saude.

Apresentamos provas e  
testemunhas insuspeitas.

1 Frasco, 1\$200—7 Frascos, 7\$000

DEPOSITO GERAL

Pharmacia Luzo-Africana

RUA DA PALMA, 55, 1.º—LISBOA

E nos unicos depositarios em Lisboa

AZEVEDO & FILHOS—Praça de D. Pedro, 31, 32

PARA AS PROVINCIAS

Porte e emballagem gratis. Enviaem-se todos os esclarecimentos pelo correio. Toda a cor-  
respondencia deve ser dirigida a

HUMBERTO DIAS—Rua da Palma, 55, 1.º—LISBOA

DEPURATIVO

# Antonio Dias Amado

(SEM MERCURIO)

Analysado pelos Drs. Jules Houdas, Chefe dos Laboratorios da Escola Superior de Pharmacia da Universidade de Paris; Girard, Chefe de Laboratorio Municipal de Chimica de Paris, Angelo da Fonseca, Cathedratico de Pathologia Cirurgica da Universidade Real de Coimbra e Charles Lepierre, Chefe dos Laboratorios de Chimica Biologica da mesma universidade; distinguido com as medalhas commemorativas do **Congresso Internacional de Tuberculose**, em sessão de 4 de Outubro de 1905; da **Sociedade de Medicina de Paris**, em sessão de 14 de Outubro de 1905; e da **Academia de Medicina de Paris**, em sessão de 17 de Outubro de 1905, authenticando as curas operadas.

Cura radical da Syphilis em qualquer periodo, da Morphêa, Chagas agudas e chronicas, Eczemas seccos e humidos, Ulceras cancerosas, Affecções do utero, ovarios e systemas gastro-intestinal, Escrofulas, Tuberculose cutanea e ossea e de todas as molestias provenientes da impureza do sangue e da lymphá,

---

 DEPOSITO GERAL

## Pharmacia Luzo-Brazileira

 LARGO DE S. PAULO, 20, 21, 22 = LISBOA
 

---

**ALMEIDA CUNHA**

Rua Formosa, 333—PORTO

R. Xavier da Silva  
Doenças da garganta, nariz e ouvidos  
**CLINICA GERAL**  
Das 3 às 5—Rua da Palma, 133, 1.º

---

**GRANDE DEPOSITO**  
DE  
**MOVEIS DE FERRO**

---

**COLCHOARIA**  
DE  
**JOSÉ A. DE C. GODINHO**

---

54, Praça dos Restauradores, 56 — LISBOA

**Grandes Armazens do Globo Vermelho**  
DE  
*José Augusto Ventura*

Especialidade em tecidos lisos e de phantasia em lã e algodão para vestidos. Sedas, Mantilhas, Espartilhos, Sombriñas, Leques, Lençaria de seda e de lã, Chales, Meias e Piugas em seda e algodão, Malhas, Cobertores e diversos artigos de abafio, em phantasia e liso. Zephires e Panamás.

Camisas, Ceroulas, Punhos e Collarinhos Sobretudos, Varinos e Capas á cavallaria.  
Secções de Mercador, Alfayateria, Camisaria, Fanqueiro, Modas e Confeções.

Secção especial de artigos para luto.  
Fornecedores da Caixa de Socorros dos Empregados da Companhia Real dos Caminhos de Ferro Portuguezes.

**ALFAYATERIA DO GLOBO VERMELHO**  
Rua dos Fanqueiros, 209 a 213  
LISBOA

AOS EMPREZARIOS  
DE  
**CASAS DE ESPECTACULOS**

No Salão Recreio do Povo trabalha uma esplendida machina Gaumont, o proprietario da mesma tambem vende fitas novas e usadas assim como tem projector annunciador que aluga.

Montagem de animatographos tanto em Lisboa como fóra.

Dirigir-se a

**Archimedes Silva**  
Rua Silva e Albuquerque  
SALÃO RECREIO DO POVO  
LISBOA

FAZER UMA VISITA  
Á  
**Ménagère de Lisboa**

é ficar certo de haver encontrado reunido tudo o que se precisa de util e necessario, bom e barato.

Para ter uma habitação confortavel, hygienica e commoda o seu proprietario **J. Lino** convida todas as boas donas de casa a visitarem a

**Ménagère de Lisboa**

sempre e antes de entrarem em qualquer outro estabelecimento.

**35, Rua do Caes do Tojo, 35**

(AO CONDE BARÃO)

Distante do Rocio 5 minutos e 20 rs. de transporte

**TELEPHONE 97**

**Papeis de credito, cambios e loterias**  
**VIERLING & C.ª LIMITADA**

---

Endereço telegraphico: STERLING

---

NUMERO TELEPHONICO 611

---

41, Rua do Arsenal, 46 — 1, Esquina do Largo do Pelourinho, 3  
**LISBOA**

*Pharmacia do Instituto*

*Pasteur de Lisboa*

Productos esterilizados, especialidades nacionaes e estrangeiras, receptuario.

Rua Nova do Almada, 86 a 90

Em frente ao mesmo instituto

**CINEMATOGRAFOS**  
Vendem-se e alugam-se machinas fitas e demais pertences. Para tratar: **E. CUSTODIO**,  
Rua do Bomfornoso 110—LISBOA.

**A. Marques Antunes**  
ALFAYATE  
Fazendas nacionaes e estrangeiras  
Fatos á paizana e á militar

275, Rua Augusta, 1.º D.— 1.ª casa vindo do Rocio á direita.

**J. COSTA BRAGA**

**BICICLETAS INGLEZAS**  
VENDIDAS A PREZISTOES



**CASA VELO-PORTUGAL**  
J. COSTA BRAGA—21 RUA MARIA, 23 LISBOA

BICICLETAS DAS MAIS PROPOSTAS AS DE MAIOR USOS POR PROPRIO ALICHOSES  
AMERICANAS E DEBESAS  
SECURIDAD DE CHINIS ALIQUER—FINCA PORTUGUESA SALDOREAR—CATUPO DRANTE

**21, RUA MARIA, 23**

PROPRIEDADE DO "AZULEJOS"

# Le Chant & Amour

· VALSE ·

*Valsa lenta* Joaquim Pedro dos Santos.

Introdução

The musical score is written for piano and consists of eight systems of staves. Each system contains a treble and a bass staff. The key signature is one sharp (F#) and the time signature is 3/4. The score begins with an 'Introdução' section. The first system includes the tempo marking 'Valsa lenta'. The second system has a 'rall.' marking. The score features various musical notations including chords, arpeggios, and dynamic markings such as 'ao sf' (pianissimo) and 'sf' (sforzando). There are also first and second endings indicated by '1.' and '2.' above the staves.

NO PROXIMO NUMERO:

FADO DO LAMPARINA pelo maestro Ex.º Sr. FILIPPE DUARTE